



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CAMPUS DE CAMPINA GRANDE-PB

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IZAIAS DA SILVA

MADA, Mulheres que Amam Demais: Mulher, Violência e Astúcias.

CAMPINA GRANDE - PB

2012

IZAIS DA SILVA

MADA, Mulheres que Amam Demais: Mulher, Violência e Astúcias.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Ofelia Maria de Barros.

CAMPINA GRANDE - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586m

Silva, Izaias da.

MADA, mulheres que amam demais [manuscrito]:
mulher, violência e astúcias /Izaias da Silva. – 2012.
20 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Ofelia Maria de Barros,
Departamento de História”.

1. Violência 2. Mulher 3. Relações Conflituosas 4..
Resistências I. Título.

21. ed. CDD 303.6

MADA, Mulheres que Amam Demais: Mulher, Violência e Astúcias.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em
História.

Aprovado em 21 / 06 / 2012

Ofélia Maria de Barros

Profª. Drª. Ofelia Maria de Barros / UEPB

Maria do Socorro Cipriano

Profª. Drª. Maria do Socorro Cipriano / UEPB

Maria Giseuda N. Limeira

Profª. Ma. Maria Giseuda Nascimento Limeira / UEPB

MADA, Mulheres que Amam Demais: Mulher, violência e Astúcias

SILVA, IZAIAS DA.¹

RESUMO

O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa (PIBIC) desenvolvido junto ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba na linha de pesquisa “Relações de Poder, Gênero e Cultura Política”, vinculado ao Departamento de História do Centro de Educação e vem tratar da questão da violência contra a mulher. Porém, visa não observar estas como vítimas e sim tenta demonstrar as astúcias que elas estabelecem em meio a relações conflituosas para burlarem as diversas formas de opressão da qual fazem parte. Para tanto, fizemos uso de entrevistas diretas com mulheres vítimas de violência para, a partir desses relatos, confrontar com as escritas de Certeau (1994) e seu conceito de “homem ordinário”, analisando como grupos oprimidos (re) inventam as realidades que lhes são impostas, transgredindo padrões e discursos que visão inferioriza-los perante a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Mulher. Resistências.

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher tem sido objeto de discussão já há algum tempo na sociedade e nos meios acadêmico. Porém, nos olhares presentes nesses debates ainda sobressaem discursos que apontam a mulher como vítima passiva ou o “sexo frágil” que comungam de atos de agressão sem esboçar nenhuma espécie de reação.

O trabalho que aqui se segue pretende apresentar um outro olhar a cerca da questão da violência contra a mulher, problematizando discursos que inferiorizam a figura feminina e a partir daí demonstrar como estas também possuem diferentes formas de resistências dentro dessas relações de forças. Para tanto faremos uso dos discursos das próprias mulheres buscando perceber em meio às narrativas de si, quais as “astúcias” praticadas por estas para burlarem as situações depreciativas que se apresentam em seu cotidiano.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: izaiasuepb@gmail.com

Para analisar as “linhas de fuga” e os “dribles” elaborados por essas mulheres faremos uso da escrita de Michel de Certeau por entender que a partir de sua abordagem, alguns conceitos como “astúcias”, “táticas sub-repitícias”, “práticas microbianas”², etc. serão centrais para pensar a mulher como sujeito e não apenas como objeto das relações de gênero . Segundo Certeau (1994), os indivíduos ditos “dominados” (porém, não passivos ou submissos) inventam imagens e procedimentos diante de uma determinada situação. Além dos conceitos elaborados por Certeau (1994), faremos uma breve historicização do surgimento dos estudos de gênero e como estes se tornaram importantes para que outras vozes e perspectivas pudessem eclodir nos campos epistemológicos das ciências sociais, entre elas a própria História. Porém, é importante que se abra um parêntese aqui para ressaltar que não foi o nosso intuito fazer um debate teórico nem tão pouco uma análise historiográfica matizando diversas perspectivas epistemológicas.

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa PIBIC, desenvolvido pelo Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB que consistia em trabalhar a questão da violência contra a mulher a partir das representações e das imagens produzidas por campos de saberes diferenciados tais como: o cordel, o cinema, a televisão e as próprias narrativas de si dessas mulheres. O trabalho foi desenvolvido de junho de 2011 a julho de 2012 sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ofelia Maria de Barros, visando criar um banco de dados com entrevistas com mulheres vítimas de violência com um suporte de matérias com a mesma temática para servir de fonte de pesquisa nos diversos trabalhos ligados aos estudos de gênero. Assim, este trabalho é um desdobramento de uma dessas análises, ou seja, a parte que se centra nos discursos que as próprias mulheres desenvolveram ao se depararem com realidades de opressão das quais eram vítimas. Aproximando dos estudos de Certeau (1994) procuramos demonstrar como essas narrativas são importantes para entendermos como elas organizam os sentidos de suas vidas, imprimem

² Em Certeau (1994) todos esses conceitos estão relacionados as formas como os indivíduos ditos oprimidos se relacionam com as situações de imposição da qual participam, ou seja, como estes sujeitos se apoderam e acabam por (re) criar as relações que visam sua opressão. Importante ainda é entender que na perspectiva certauniana conceitos como “oprimidos” e “massa” não são vistos como categorias e sim como criação dos discursos dos grupos majoritários da sociedade.

no seu cotidiano uma lógica e driblam a dor da violência com pequenas “astúcias”, espaços de micro-resistências.

Para a construção desse artigo foram utilizadas fontes primárias quando presenciamos depoimentos relatados por mulheres que vivenciam relações conflituosas, isso fez com que entrássemos em contato direto com a problemática aqui abordada vivenciando, a partir de narrativas subjetivas, uma realidade social que cada vez se mostra mais frequente nos espaços cotidianos. O principal suporte da pesquisa foi o “Grupo Mulheres que Amam Demais Anônimo” (MADA) sediado na cidade de João Pessoa – PB³. Este é um grupo que fazem reuniões semanais para compartilharem suas realidades e de alguma forma tentar amparar e solucionar os problemas de suas frequentadoras através do compartilhamento de experiências individuais. Como forma de aprofundar ainda mais nossa pesquisa, também nos utilizamos de relatos de outras mulheres alheias ao grupo com as quais tivemos a oportunidade de entrar em contato através de entrevistas individualizadas, enriquecendo de forma significativa nossa pesquisa. Entretanto, não serão apresentados aqui dados estatísticos com vista a caracterizar a gravidade da questão da violência contra a mulher, pois assim como Certeau (1994), acreditamos que tais dados são demasiadamente vagos por refletir a problemática de uma forma homogeneizadora sem observar as características individuais de cada situação e as formas como estas mulheres recebem e reproduzem a violência que lhes é imposta

Decompondo essas “vagabundagens” eficazes em unidades que ela mesma define, recompondo segundo seus códigos os resultados dessas montagens, a enquete estatística só “encontra” o homogêneo. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano. (CERTEAU, 1994, p.46)

É importante destacar que este artigo segue a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que trata da ética da Pesquisa com Seres Humanos⁴, bem como segue os preceitos e normas do Grupo MADA,

³ O Grupo MADA está localizado na Av. Epitácio Pessoa 1250 , sala 107, em frente ao supermercado EXTRA na cidade de João Pessoa e faz reuniões semanais as quartas-feiras.

⁴ Essa resolução adverte, entre outras coisas, que a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-lo em sua dignidade, respeitá-lo em sua autonomia e defendê-lo em sua vulnerabilidade. Deve ainda haver relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos pesquisados e

estabelecendo o sigilo total da identidade das depoentes que se dispuseram a contribuir com nossa pesquisa.⁵

2. MULHERES QUE AMAM DEMAIS ANÔNIMOS (MADA)

O Grupo Mulheres que Amam Demais Anônimos (MADA) onde foram feitas as pesquisas iniciais desse trabalho está sediado na cidade de João Pessoa – PB. Elas possuem suas bases de trabalhados semelhantes as dos Alcoólicos Anônimos (A.A), com encontros semanais onde um grupo de mulheres se reúnem para compartilhar suas experiências de vida sempre prezando o anonimato para que as participantes das seções sintam-se a vontade no momento de expor suas experiências. O grupo MADA segue um rigoroso regimento, partindo sempre do princípio: “Quem você vê aqui, o que você ouve aqui, ao sair daqui, deixe que fique aqui”. (MADA)

Nas seções presenciadas durante a pesquisa para esse trabalho pudemos notar que as frequentadoras do grupo possuem idades variadas e relações amorosas distintas englobando desde mulheres mais “maduras” com casamentos que duram a anos, até jovens adolescentes em estágio de namoros, mostrando que os transtornos enfrentados por elas não se restringem a casos meramente conjugais. Onde há relação entre mulheres e homens (e porque não dizer entre mulheres e mulheres, homens e homens), pode haver conflitos e práticas opressoras.

O MADA funciona como uma espécie de válvula de escape para pessoas que possuem problemas, na maioria das vezes dentro dos seus próprios lares e que sem uma saída, sem um apoio de pessoas próximas, acabam por se confortar em contar suas lutas e angústias a pessoas que muitas vezes podem ser estranhas, pessoas que vão a apenas uma seção e não voltam. Ou seja, o ato de simplesmente desabafar se torna confortável e indivíduos alheios a suas vidas passam a servir como braços acolhedores em momentos de extrema dificuldades.

minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

⁵ Assim, as depoentes serão tratadas como “ANÔNIMAS” sendo atribuídas uma numeração para distingui-las. Além disso, os relatos serão transcritos da mesma forma que foram verbalizadas pelas depoentes, sem uma adequação a norma culta da língua portuguesa.

Outra questão identificada durante as seções do MADA é o apelo constante a um “poder superior.” Há sempre uma apelação a figura divina de Deus como forma de confortar ainda mais a amargura vivenciada por aquelas mulheres. Ao final de cada relato todas pronunciam a frase: “Que a força do amor em nós seja de crescimento, saúde e êxito!”. Fato também que não pode passar despercebido é que após os depoimentos, que são cronometrados, não há troca de conselhos entre as frequentadoras. Parece que o único objetivo do grupo é servir como lugar para o desabafo, local para se exteriorizar a angústia sofrida por essas mulheres.

A origem do MADA está relacionado a uma obra de mesmo nome, “Mulheres que Amam Demais” da autora estadunidense Robin Norwood, terapeuta conjugal e conselheira pedagógica que após anos exercendo seu trabalho e entrando em contato com várias histórias de mulheres vítimas de algum tipo de violência em seus relacionamentos, sejam elas físicas ou psicológicas, acabou por produzir uma bibliografia que funciona como uma espécie de guia de autoajuda para mulheres que comungam de relacionamentos conflituosos.

Segundo a perspectiva apresentada na obra, mulheres que tiveram infâncias conturbadas apresentam tendência a se relacionarem com homens problemáticos, pois estes relacionamentos passam a ser uma espécie de recriação das realidades vivenciadas na infância delas. Dentro dessa linha de pensamento, “*amar demais*” estaria ligado a laços afetivos doentios, onde mulheres passam por vários problemas na convivência amorosa, mas mesmo assim acabam por permanecer com seus parceiros em uma situação que Norwood (1985) define como “um vício”, tornando-se uma réplica de suas vivências passadas.

Amar demasiado não significa amar muitos homens, ou apaixonar-se com muita frequência [...] Significa, na realidade, ficar obcecada por um homem e chamar isso de amor, permitindo que tal sentimento controle suas emoções e boa parte do seu comportamento, mesmo

percebendo que exerce influência negativa sobre sua saúde e bem-estar [...] (*ibidem*, 1985, p. 21)

A autora ainda relaciona esse fenômeno ao medo de estar sozinha, de perder seu valor perante a sociedade, de ser ignorada, abandonada ou destruída moralmente... Ela ainda completa afirmando que o fenômeno “*amar demais*” é uma exclusividade feminina, por estas serem emocionalmente mais sensíveis a esse tipo de sentimentos.

Pela rápida descrição da obra de Robin Norwood que aqui foi feita podemos notar que a posição que a autora reserva para a mulher se distancia dos objetivos propostos na elaboração deste trabalho. Na obra é dada uma característica de subordinação à figura feminina, por fatores psicológicos ou morais, demonstrando casos de mulheres que mesmo sendo vítimas de alguma espécie de violência acabam por não serem capazes de se distanciar de seus parceiros problemáticos.

Ao que parece, a autora, em seus contatos como mulheres vítimas de violências não foi capaz (ou não se propôs a apresentar na referida obra) de identificar práticas desviantes, que CERTEAU (1994) chama de “*astúcias*” e “*práticas microbianas*” dos grupos oprimidos. Não ver-se referência em “Mulheres que Amam Demais”, aos jogos estabelecidos dentro das práticas opressoras onde o oprimido recria e muitas vezes inventam situações e mecanismos para burlar as situações nas quais encontra-se inserido.

Não estamos questionando o conteúdo contido em “Mulheres que Amam Demais”, pois reconhecemos sua eficiência como guia para várias mulheres que se encontram angustiadas, e também como eixo norteador das seções que tivemos a oportunidade de acompanhar ao longo da pesquisa. Além disso, não podemos deixar de entender a leitura de obras como esta também como uma “*prática metonímica da singularidade*”, ou seja, um espaço próprio para recriar realidades através de relações subjetivas ligadas às diversas formas de linguagens, pois o próprio Certeau (1994) toma como exemplo de “*astúcia*” o ato de ler, onde o leitor tem a liberdade de criar e recriar histórias à medida que vão se passando as páginas. Tal metáfora é utilizada para demonstrar como

peças comuns se apropriam de discursos pré-estabelecidos para recriar suas próprias caracterizações das realidades, suas próprias “*artes do fazer*”.

É preciso, portanto, reconhecer uma tensão importante entre as intenções, explícitas ou implícitas, que levam a propor um texto a leitores numerosos e as formas de recepção deste texto, que se estendem, frequentemente, a registros completamente diferentes. (CERTEAU, 1994, p.9)

3. HISTÓRIA DAS MULHERES: A discussão de gênero

Para que possamos compreender o surgimento do campo epistemológico denominado de “Estudos de Gênero” devemos regredir para a segunda metade do século XX, mas especificamente às décadas de 1960–1970 nos EUA onde surge o chamado Movimento Feminista. Esse é um período onde as grandes “massas oprimidas” da sociedade começam a se articular em prol de maiores direitos sociais, fazendo surgir diversos movimentos que passavam a criticar e burlar todas as leis até então impostas pelas “camadas superiores” da sociedade.

O movimento feminista surge nesse contexto e academicamente faz uso das mudanças desencadeadas a partir da escola dos Annales na década de 1930, onde a visão sobre o que seria histórico ou passível de se fazer história acaba por ganhar um alargamento nunca antes visto nos estudos historiográficos. Vale salientar também que o movimento feminista segue as concepções baseadas no materialismo e nas lutas de classes que haviam ganhado notório desenvolvimento com o movimento marxista.

Em um universo de estudos historiográficos quase que exclusivamente voltado para homens, onde se privilegiava os “grandes personagens”, os “grandes heróis” da História, surge o movimento feminista que buscava de antemão “construir” uma história das mulheres. Tratava-se de dar voz as personagens femininas que fizeram e contribuíram de alguma forma para os rumos dos acontecimentos nos mais variados contextos históricos. Porém, inicialmente, observou-se, paralelamente a história dos “grandes homens” a tentativa de uma recriação da história das “grandes mulheres”. Nessa

perspectiva a figura feminina passa a ter um espaço de abordagem próprio, autônomo, desvinculado-se do que era oficialmente propagado pela história oficial. Tratava-se de demonstrar não a vida das mulheres comuns, anônimas, mas de reproduzir a história das mulheres que haviam se destacado na esfera pública, resquícios típicos da historiografia metódica do século XIX. Tal perspectiva só viria a sofrer alterações a partir da década de 1980 quando se observa uma mudança no direcionamento dos estudos sobre a história das mulheres surgindo o campo de estudo denominado de *gênero*.

Ao procurar igualar homens e mulheres em um embate epistemológico, o movimento feminista acabou por legitimar a questão da diferenciação existente entre estes na media em que colocava sempre uma figura masculina que dominava e uma figura feminina que devia resistir. “O projeto feminista se propunha revolucionário e, nesse sentido, ele fracassou” (DEL PRIORE, 1998) Sob a perspectiva de gênero, passou-se a pensar as diferenças socialmente construídas com relação ao sexo. Visou-se problematizar a diferença entre os sexos a partir da perspectiva de uma construção cultural, procurando analisar como são criados historicamente os lugares de homens e mulheres na esfera social.

Interessava, então, muito mais saber como funcionam os mecanismos familiares, sociais e políticos para sufocar a mulher ou dela fazer pior imagem, do que denunciar em altos brados que os textos do século XVIII eram misóginos e que colocavam a mulher nos bastidores da história. [...] era muito mais importante entender quais mecanismos ordenaram o poder masculino no sentido de submeter a mulher, ocultando toda sua atividade... (DEL PRIORE, 1998, p.225)

4. DA OPRESSÃO ÀS RESISTÊNCIAS: Relatos de violência contra mulheres.

Ao longo da pesquisa pudemos observar o quanto a questão da violência contra a mulher é complexa. Tal problema pode afetar mulheres dos mais variados níveis sociais e não se restringe só as que se encontram em relações conjugais estáveis ou na fase adulta. Durante uma das seções no MADA presenciamos o relato de uma adolescente que já tinha dificuldades na fase do namoro, onde seu companheiro a tratava mal, tentava sempre rebaixa-

la em público e chegou em várias ocasiões a ameaçá-la por conta das amizades que ela mantinha com colegas de classe.

Pesquisas demonstram que a violência praticada contra as mulheres não tem época nem fronteiras, sempre existiu em todos os lugares, em todas as culturas (SILVA; BATISTA; CHAVES; MEDEIROS, 2008). Porém, foi dentro dessa perspectiva vista como normativa que buscamos os fatores destoantes dessa realidade a partir destes mesmos relatos. A narrativa de si dessas mulheres deixam claro como nossa sociedade é povoada por discursos que visam estabelecer lugares sociais para os indivíduos que a compõe. Porém, estes mesmos corpos inclusos nesse sistema social podem produzir “*táticas sub-repitícias*” a partir de suas subjetividades, reconfigurando espaços e práticas em prol do seu proveito.

A violência contra a mulher é sempre vista como um problema a ser combatido na sociedade, mas a realidade é que muitas vezes procuram-se patologias e esquecem-se as soluções. É notório o fato de muitas mulheres passarem por situações de opressão e ocultar tais fatos, isso devido a diversos fatores. Algumas vezes essas mulheres não denunciam ou não procuram ajuda por ainda manterem laços de afetividade muito fortes com seus parceiros agressivos e na esperança de uma mudança futura não se desvinculam da relação. Em outros casos o próprio medo de uma retaliação ainda maior por parte dos seus companheiros ou o receio do julgamento social faz com que muitas dessas vítimas sejam silenciadas, como atesta um dos relatos ao qual tivemos acesso:

“Eu preferia esconder, tentar cuidar dos danos que ele me fazia em casa para que a vizinhança não soubesse, além disso eu tinha medo dele. Ele fazia de tudo para que eu não saísse na rua para que ninguém visse meu estado, ele tinha medo que eu fosse denunciá-lo e me trancava em casa. Ele chegava até a ameaçar descontar nas minhas filhas se por acaso eu procurasse a justiça e eu acabava com medo de que ele agredisse minhas filhas pois ele era muito violento. Eu não tinha nenhuma orientação, e não queria que ninguém soubesse do que se passava em minha casa”. (ANÔNIMO 5, 2012.)

Notamos que essas motivações citadas acima são de caráter mais subjetivo. Porém, o que preocupa, e que pôde ser percebido durante a pesquisa é que a nossa sociedade ainda não dispõe de locais especializados para o atendimento de mulheres vítimas de violência. Apenas os grandes centros urbanos dispõem de delegacias especializadas, no mais, as vítimas tem que entrar em contato com departamentos policiais comuns sendo impossível que se faça um acompanhamento com profissionais especializados para determinado assunto.

Tendo em vista tal realidade é que percebemos o quão é importante abordar a perspectivas das resistências através de relatos vindo das próprias mulheres, uma vez que ainda nos deparamos com um universo social que não se encontra preparado para lidar de forma mais efetiva com a questão da violência contra mulheres. Vemos então que elas fazem uso de circunstâncias, ocasiões, lutam com as “armas” que a realidade disponibiliza, mas jamais deixam de burlar os mecanismos de imposição, pois:

[...] prática cotidiana que consiste em aproveitar a ocasião e fazer da memória o meio de transformar os lugares. [...] A ocasião é “aproveitada”, não criada. É fornecida pela conjuntura, isto é, por circunstâncias exteriores onde um bom golpe de vista consegue reconhecer o conjunto novo e favorável que irão construir mediante um pormenor a mais. (CERTEAU, 1994, p.162)

No grupo MADA pudemos verificar que as frequentadoras vivenciam uma espécie de violência distinta da que comumente se propaga. Trata-se mais de uma violência psicológica, quando não há agressões físicas, mas que causam tantos danos às vítimas quanto pode causar um espancamento. É uma violência silenciosa, onde a vitima não apresenta marcas visíveis a olho nu, mas que causam danos irreparáveis, refletindo na sua convivência social e na sua vida como um todo.

Através dos depoimentos de nossas depoentes identificamos variadas astúcias que são usadas nos cotidianos para tentar burlar ou mesmo reverter uma situação com a qual estas mulheres não mais aguentam conviver. Notamos que muitas vezes são tomadas medidas simples como buscar apoio em familiares próximos: “Fui falar com a mãe dele e ela me falou: ‘Deixe ele’

que ele não presta” (ANÔNIMO 1, 2012.). Porém, nos pareceu que tal medida muitas vezes não surte o efeito desejado já que comumente observa-se que em famílias onde existe a realidade da violência contra a figura feminina, acaba por atingir os parentes próximos de forma que o medo contagia a todos impedindo a tomada de medidas para que se possa reverter tal realidade.

Apesar das significativas mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo com relação à independência da mulher ligada, sobretudo, a questão financeira, ainda é notório que muitas delas acabam se voltando apenas para o espaço do lar, tornando-se dependentes de seus companheiros e dificultando ainda mais o seu desvinculamento da relação quando deparadas com situações de opressão. Nesse ponto é que abordamos outra forma de resistência, onde mulheres vítimas de violência procuram cada vez mais estudar, se qualificar, procurando adquirirem seus próprios empregos como forma de conseguir seu próprio sustento e a sua conseqüente liberdade.

“Ele não ta nem aí, não liga para a casa, para a família, nos deixa passando dificuldades financeiras, meu nome já foi parar até no SPC por conta disso. Fez empréstimos no nome da minha mãe que também foi pro SPC. Mas eu já arranjei um emprego, vou me estabilizar economicamente e pedir imediatamente minha separação, pois não aguento mais”. (ANÔNIMO 1, 2012.)

Existe um intenso jogo de forças que atuam no interior das relações e diretamente relacionado ao exterior, ou seja, à sociedade ao qual estão inseridos. Nesse contexto, “A astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela como ‘último recurso’: ‘Quanto mais fraca as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia’. Traduzindo, tanto mais se torna tática.” (CERTEAU, 1994)

Um dos relatos que tivemos acesso deixa bem claro a diversidade de astúcias utilizadas por mulheres que querem promover mudanças nas relações com parceiros opressores:

“A principio queria deixar claro a respeito das traições que fiz. Traí mesmo, não nego e posso dizer que em alguns momentos foi isso que me salvou. Mas eu acho que isso fazia parte da minha violência, eu ia (trair) como uma forma de me desprender daquela situação que eu me encontrava. Não era com frequência, mas era sempre que eu

me via mais angustiada. E não me arrependo, nenhum pouco, pois era uma forma de superar minha carência.” (ANÔNIMO 4, 2012)

Na convivência com um marido que pratica atos que provocam abalos psicológicos, nossa depoente não exita em relatar que, como válvula de escape, acabava por se envolver com outros homens, encontrando nestes a proteção que não enxergava na sua relação. Tal depoimento mostra que as resistências ou “*práticas sutis*” podem vir das mais variadas formas, até mesmo do uso do próprio corpo da mulher como forma de se livrar do companheiro agressor. Como relata essa mesma depoente: “Eu lembro claramente que eu usava o sexo como uma forma de me livrar dele. Fazia sexo e tentava dar prazer a ele como uma forma de ele me deixar em paz depois”.

Em suas abordagens Certeau (1994) demonstra bem a utilização de mecanismos para burlar situações e reverter casos de imposições, pois “as táticas são relativas às ocasiões e às maneiras de mudar (seduzir, persuadir, utilizar) o querer do outro (o destinatário)”. Seria uma espécie de grito silencioso ou “*práticas microbianas*” que fazem o oprimido transgredir sua realidade. Satisfazer o parceiro violento com sexo foi uma fuga utilizada por esta mulher dentro de um contexto conflituoso, isso nos ajuda a entender que “a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’ e no espaço por ele controlado” (*idem*, 1994, p.100). Além disso, esse relato torna-se ainda mais atraente se levarmos em consideração o fato de o sexo ter sido historicamente controlado na nossa sociedade, além da questão do adultério, sendo atribuído a estes o rótulo de pecados.

Com relação a isso não podemos deixar de enfatizar que ao longo dos tempos, graças a posturas advindas de crenças religiosas, foi se reservando a mulher um *status* que valoriza uma postura puritana que tem como símbolo máximo a virgindade. Assim, nesse depoimento vemos que a figura feminina ao sentir-se inibida por seu parceiro passa a procurar saídas que em outros contextos estariam fora de cogitação como a traição e o uso do corpo sem obter o mínimo de prazer em sua relação sexual. Em suma, “a ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas ‘populares’ desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente” (Certeau, 1994), porém, com a esperança que minimize os males antes vivenciados.

Entretanto, o que se apresentou de forma mais efetiva na maioria dos relatos é que a principal forma de resistência praticada por mulheres que se encontram envolvidas com relações conflituosas é o próprio reconhecimento de si. As astúcias subjetivas refletidas na coragem em procurar ajuda mostra-nos a força de tais personagens sociais. Basta imaginar que estas vivenciam cotidianamente situações de opressões, isso quando não chegam a violências físicas e mesmo assim elas conseguem dar a volta por cima em suas vidas partindo sempre do reconhecimento de seus valores individuais. “Eu acho que para mudar eu tenho que ter uma consciência, tomar uma atitude [...] Eu vou ter que sofrer, mas vou tomar uma atitude. Como é que eu vou viver com um cara desses, completamente sem jeito e sem juízo.” (ANÔNIMO 1, 2012.)

“As vezes eu me envergonho de como eu era besta, mas hoje posso dizer que já superei essa relação pois consigo ficar longe dele sem sentir a mínima falta. Aprendi a me dar o respeito e perceber que eu podia viver sem ele [...] Eu ainda estou em recuperação, não me recuperei por completo, mas é maravilhoso a sensação de liberdade, porque eu não sabia o que era ser livre. Depois que consegui me separar eu aprendi o que é viver. Tudo isso foi fruto da minha atitude, de ter tomado uma consciência.”(ANÔNIMO 2).

Na maioria das vezes é muito difícil para mulheres vítimas de algum tipo de violência admitirem que passam por essa realidade. Nessa perspectiva é que entendemos a importância do apoio de pessoas e familiares próximos. Também vemos que grupos de apoio e delegacias especializadas acabam sendo um destino comum para mulheres que precisam de ajuda. O problema é a escassez que ainda se observa com relação a esses espaços que ajudam e muito na recuperação de mulheres vítimas de violências. Em alguns relatos fica nítido a mudança de postura na medida em que essas mulheres vão aprendendo a se valorizar e a se dar conta de que podem mudar a situação em que se encontram:

“Eu o traí porque sabia que ele também me traia. Hoje eu não faço mais isso pois tenho uma nova visão, nem uso o sexo para me prender a ele ou para apenas satisfazê-lo. Acredito que ainda há muita coisa a mudar, mas a verdade é que também muita coisa já mudou. Até eu entrar nesse grupo de mulheres minha vida era um

verdadeiro redemoinho, agora não, as coisas parecem começar a melhorar. Esse grupo de mulheres me fez enxergar-se enquanto mulher capaz. Além do grupo de mulheres também vejo que foi muito importante a literatura, as várias leituras que fiz. Eu li e leio quase que diariamente e isso me ajudou muito a superar meus problemas. Aí tudo o que eu vou aprendendo eu vou colocando em prática e isso vai me ajudando em meu dia a dia”. (ANÔNIMO 4, 2012.)

“No começo foi difícil, não de se desprender do marido, mas sim de uma pessoa que você já estava acostumada a contar, a estar sempre por perto [...] Eu nunca fazia nada, apenas chorava, nunca peguei no celular para ligar para quem quer que seja para me reclamar. Eu ainda estou em recuperação, não me recuperei por completo, mas é maravilhoso a sensação de liberdade, porque eu não sabia o que era ser livre. Depois que consegui me separar eu aprendi o que é viver. Tudo isso foi fruto da minha atitude, de ter tomado uma consciência”. (ANÔNIMO 2, 2012.)

Essa mudança de posicionamento com relação a si mesmo fazem essas mulheres perceberem o intenso conflito psicológico do qual fazem parte, onde vão tentando se desprender das relações que comungam. A toma de consciência faz a mulher perceber em que pontos são oprimidas e a partir da revelação dos problemas é que a situação vai aos poucos se alterando. Notamos que tal reconhecimento passa até por um reconhecimento patológico, na medida em que algumas de nossas depoentes reconhecem que possuem uma “doença”, ou melhor, dependência e passam a buscar formas de recuperação, em um processo notório de transgressão de suas realidades.

“Existem muitos jogos, os homens fazem muitos jogos e devemos ficar atentos para esses jogos, que é o que nos prende. Ele adorava me provocar para ver se eu revidava. Toda vez que ele me provocava para ver se conseguia iniciar uma briga eu ficava apenas em silêncio pois eu passei a entender que era um jogo, uma forma de me provocar onde a vítima seria eu mesma depois” (ANÔNIMO 4)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos nossa pesquisa tínhamos a consciência que, por conta das limitações de páginas exigidas nesse artigo não poderíamos incluir aqui todos os relatos ao qual tivemos a oportunidade de entrarmos em contato. Assim, foram selecionados trechos das entrevistas e dos depoimentos como forma de demonstrar, mesmo que de forma rápida, que a questão da violência contra mulheres ainda é uma triste realidade em nossa sociedade e que essa questão deve ser abordada com mais frequência, não só pelos meios sociais responsáveis por gerir as instâncias de utilidade pública, mas também partido de reflexões subjetivas de pessoas comuns, que muitas vezes enxergam essa realidade como algo que lhes é alheia, mas que muitas vezes bate a sua porta e por não querer enxergar acabam por silenciar-se nas normalidades impostas por uma sociedade que prefere mascarar suas falhas.

Assim, chegamos ao final desta abordagem com a certeza de que talvez muitos irão entrar em contato com esse trabalho sem atentar para a profundidade dos rápidos relatos que acima foram apresentados. Mas para você que chegou até aqui e acha que toda essa temática não tem nada a ver com você, vos digo que nesse exato momento incontáveis mulheres estão sendo vítimas de algum tipo de violência e de opressão. Não, podem ir parando de vê-las como “coitadinhas” (como a linguagem popular costuma caracterizá-las), pois também nesse exato momento as mesmas incontáveis mulheres estão, de alguma forma buscando mecanismos para reverterem essas situações, pois, antes de serem vítimas, são seres humanos e como tal, jamais aceitam passivamente imposições, sejam elas quais forem. Aqui não há vítimas e sim personagens de um jogo de força que atuam de forma constante em todas as relações sociais.

ABSTRACT

This article is the result of the research project (PIBIC) developed with the Course of History, State University of Paraíba line of research, "Power Relations, Gender and Political Culture" linked to the Department of History and

Education Center has been addressing the issue of violence against women. However, these aims do not see as victims, but attempts to demonstrate the cunning they set amid conflicting relationships to get around the various forms of oppression to which they belong. For this purpose, we used direct interviews with women victims of violence to, from these reports, confronted with the writings of Certeau (1994) and his concept of "ordinary man", analyzing how oppressed groups (re) invent the realities they are imposed, breaking patterns and discourses that vision diminishes them in society.

KEYWORDS: Violence. Women. Resistance.

REFERÊNCIAS

CADERNOS PAGU, Trajetória do gênero, masculinidades... Núcleo de Estudos de Gênero/ UBIAMP, Campinas, SP. 1998.

Diretrizes e Normas Reguladoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs.br> acessado em 30/05/2012 às 15:45

NORWOOD, Robin. **Mulheres que Amam Demais.** Editora Albatroz, Edição/reimpressão: 2011. 1985.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. IN: FREITAS, Marcos César . (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.

SILVA, Suênia de Souza. BATISTA, Rosilene Santos. CHAVES, Ana Eliza Pereira. MEDEIROS, Fabíola Araújo Leite. **Violência Doméstica contra a Mulher.** Disponível em: Revista eletrônica de ciências – v.1 n.1, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer;** tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

Fontes Orais

ANÔNIMO 1. **Entrevista concedida ao autor.** João Pessoa, janeiro de 2012.

ANÔNIMO 2. **Entrevista concedida ao autor.** João Pessoa, janeiro de 2012.

ANÔNIMO 3. **Entrevista concedida ao autor.** João Pessoa, janeiro de 2012.

ANÔNIMO 4. **Entrevista concedida ao autor.** João Pessoa, janeiro de 2012.

ANÔNIMO 5. **Entrevista concedida ao autor.** João Pessoa, janeiro de 2012.